

DANO COLATERAL

Natalia Viana

Dano colateral

A intervenção dos militares
na segurança pública

OBJETIVA

Copyright © 2021 by Natalia Viana

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Mariana Metidieri

Foto de quarta capa

Daniel Marengo

Checagem

Érico Melo

Preparação

Fernanda Mello

Índice remissivo

Probo Poletti

Revisão

Ana Maria Barbosa

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Viana, Natalia

Dano colateral : A intervenção dos militares na
segurança pública / Natalia Viana. — 1ª ed. — Rio de
Janeiro : Objetiva, 2021.

ISBN 978-85-470-0129-2

1. Ciências sociais 2. Ciência militar – História
3. Exército brasileiro 4. Forças Armadas 1. Título.

21-65665

CDD-355.009

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciência militar : História 355.009

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

*Dedico este livro ao meu pai,
Ailton, que me ensinou a amar escrever;
e à minha mãe, a sempre otimista dona Vera.*

A própria possibilidade de ocorrência de danos colaterais envolvendo civis inocentes deve ser avaliada atentamente pela sociedade.

General Eduardo Villas Bôas,
2 de outubro de 2017

Sumário

<i>Prólogo</i>	11
----------------------	----

Parte I: Conexão Muquiço-Haiti-Alemão

1. O Exército não mata ninguém.....	23
2. Do Haiti ao Alemão.....	35
3. Abraão.....	59
4. A corte mais antiga do país.....	72
5. Aylla Vitória.....	82

Parte II: Justiça pra quem? A GLO na Maré

6. O controle civil das Forças Armadas	97
7. A ocupação da Maré.....	118
8. A Justiça Militar chega à viela.....	127
9. Legítima defesa imaginária	139
10. Missão dada, missão cumprida.....	152

Parte III: A intervenção militar no governo Temer

11. A Comissão Nacional da Verdade.....	167
12. O governo Temer e os militares	188
13. Um erro escusável	201
14. A intervenção militar no Rio de Janeiro.....	209
15. O terror.....	223

Parte IV: Reescrevendo a história

16. Desastrosa operação	245
17. No tribunal	259
18. Ecos do passado	271

<i>Epílogo</i>	287
----------------------	-----

<i>Anexo</i>	303
--------------------	-----

<i>Notas</i>	307
--------------------	-----

<i>Índice remissivo</i>	337
-------------------------------	-----

Prólogo

Na caminhonete Marruá, um tipo de caminhão verde-oliva com a carroceria aberta e sem proteção, iam dois cabos, oito soldados, um sargento e um tenente,¹ todos entre seus vinte e 25 anos, nascidos ali mesmo no Rio de Janeiro ou em cidades vizinhas. Embora jovens, a maioria já servia havia mais de dois anos no 1º Batalhão de Infantaria Motorizado (Escola) – 1º BI Mtz (Es) – em Deodoro. Em suas fichas não constava nenhum incidente grave, mácula ou indisciplina. Pelo menos até aquele domingo de 7 de abril de 2019, quando dispararam pelo menos 82 vezes contra um carro, matando e ferindo pessoas inocentes.

Nas proximidades da favela do Muquiço, no bairro de Guadalupe, zona norte do Rio, por duas vezes, em um intervalo de minutos e em plena luz do dia, cravejaram de balas um Ford Ka sedã onde estavam Evaldo Rosa dos Santos e sua família: a esposa Luciana dos Santos Nogueira, o filho Davi Bruno, de sete anos, Sérgio Gonçalves de Araújo, padrasto de Luciana, e a amiga Michele da Silva Leite Neves. Os tiros dos fuzis 7,62 e 5,56 e da pistola 9 mm acertaram o veículo 62 vezes.

Evaldo, que dirigia o carro, tinha 46 anos, trabalhava como

segurança e tocava cavaquinho sempre que podia com seu grupo de pagode Remelexo da Cor. Perdeu a consciência na hora. Saiu minutos antes com a família do sobrado de dois andares em Marechal Hermes, onde morava com a esposa e o filho, a dois quilômetros do Muquiço. A proximidade com a favela tinha razão de ser: dois amores que forjaram a família começaram ali. Primeiro, o flerte entre o vizinho Sérgio Gonçalves e a mãe de Luciana quando a filha tinha seis anos. Infelizes nos seus respectivos casamentos, Sérgio e Eva começaram um namoro discreto, que em pouco tempo virou algo mais sério. Anos depois, resolveram morar longe dali, no município de São João de Meriti, na Baixada Fluminense, levando os filhos. Divorciado, o pai de Luciana ficou na favela, assim como os amigos de infância dela. Entre eles, Evaldo.

“Eu conheço ele toda a minha vida”, lembra Luciana.² Quando ela foi morar em São João de Meriti com a mãe e o padrasto, passava todos os fins de semana na casa do pai. Ainda crianças, jogavam queimada nas ruas da comunidade. Na adolescência, começaram a “ficar”, meio na brincadeira, até que Duda, como ela o chamava, foi pedir sua mão em namoro ao pai. “Comecei a namorar sério aos catorze anos... até o dia 7 de abril de 2019.”

Nos fins de semana, os dois sempre se dividiam entre o Muquiço e São João de Meriti, um trajeto que passa, necessariamente, pela longuíssima avenida Brasil, que conecta o centro do Rio com a rodovia Presidente Dutra. Quando Duda finalmente convenceu Luciana a morarem juntos, escolheram o bairro de Marechal Hermes, vizinho ao local onde brincaram na infância. A região sempre fora tranquila justamente pela proximidade com a Vila Militar, um bairro planejado, com uma das maiores concentrações de militares na América Latina. Além de prédios residenciais, funcionam ali o comando da 1ª Divisão de Exército (DE), a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, o Comando da Base de

Apoio Logístico do Exército e outros centros de treinamento. E, também, o 1º Batalhão de Infantaria Motorizado, de onde saíram os soldados na viatura Marruá.

Era esse conhecido trajeto — de Guadalupe a São João de Meriti — que Evaldo e a família percorriam naquela tarde ensolarada de domingo. Iam para o chá de bebê de uma amiga. Na noite anterior, a amiga Michele os acompanhara a um show de pagode. A banda era formada por amigos de Manduca — outro apelido de Evaldo —, e ele ainda deu uma palinha. Entre as duas ou três músicas que cantou, conseguiu encaixar uma homenagem à esposa: “Pago pra ver”, do Exaltasamba — “A nossa relação não é só mais um caso/ Não foi só prazer/ É amor e paixão pra valer”. Já de madrugada, o casal convenceu Michele a dormir na casa deles e ir à festinha de domingo. “Ficamos até umas três ou quatro e pouco da manhã”, lembra Luciana. “Foi um dia muito alegre.”

Sérgio, o padraсто, decidiu aproveitar a carona de volta para casa, na Baixada Fluminense. Vinha do trabalho, fizera o turno da madrugada em um estacionamento na zona sul do Rio, manobrando carros; ainda usava uniforme quando chegou à casa de Luciana, por volta de uma hora da tarde do domingo.

A caminho da avenida Brasil, Evaldo saiu da rua Araçoiaba, contornou a favela do Muquiço e entrou na travessa Brasil, uma ruela também conhecida como “rua do Borracheiro”, que ladeia um depósito da empresa de limpeza urbana, a Comlurb. A pequena rua tem duas lombadas caindo aos pedaços, o que obrigou o motorista a reduzir a velocidade, relembra Sérgio, que estava no assento do carona.³ As mulheres e a criança iam no banco de trás. “Evaldo estava muito atencioso no volante, muito atencioso mesmo.” Só depois do último quebra-molas, quando o carro entrou na estrada do Camboatá, rumo à avenida Brasil, ele começou a acelerar. “Aí foi quando aconteceram os tiros”, relembra Sérgio.

Na primeira rajada, dois projéteis de fuzil acertaram o Ford Ka. O primeiro atravessou o veículo perpendicularmente, sem atingir ninguém; o segundo entrou na base das costas de Evaldo. Outros tiros acertaram o gradil do Piscinão de Deodoro, que faz parte do complexo esportivo construído para os Jogos Olímpicos de 2016, e também oito vezes o muro da Comlurb. Nenhum dos passageiros do Ford Ka escutou ou percebeu uma troca de tiros; só ouviram os disparos do Exército. “Eu não vi nada, eu não ouvi nada, troca de tiro, carro”, disse Luciana. “Nós não éramos perigo nenhum para eles. Se mandassem parar, nós iríamos parar.”

Sérgio, do banco do carona, ainda tentou controlar o carro, enquanto o genro pendia para o seu lado. “Eu não tinha como abaixar porque ele já estava caído no meu ombro.” Como o veículo começou a perder velocidade, Sérgio pegou o volante, virou para a rua, puxou o freio de mão e desligou o motor. De onde estava, disse que não conseguia ver de onde saíram os tiros, mas lembra-se de ter ouvido a enteada consolar o marido: “Calma, amor, é o quartel”. Ela não imaginava que os tiros tinham partido justamente dos soldados.⁴

Quando o carro parou, as ocupantes do banco de trás saíram correndo. Luciana queria tirar o filho dali e voltar para ajudar o marido. Primeiro, Michele, Luciana e Davi se esconderam ao lado de uma caminhonete estacionada. Depois, avistaram a porta aberta de uma casa, “para onde outras pessoas correram porque os tiros continuaram mesmo com o carro parado”.⁵ Ali elas se abrigaram da segunda rajada. Michele ficou lá dentro até acabarem os disparos. A casa ficava na entrada do Minhocão, como é conhecido o prédio amarelo e ondulado que marca o início da favela do Muquiço. Não tiveram nenhum ferimento.

Os gritos das duas chamaram a atenção do catador de recicláveis Luciano Macedo, de 28 anos, que nessa hora se protegia dos primeiros estampidos, agachado atrás dos carros ao lado da

esposa Dayana Horrara. Dayana se lembra de ver o pequeno Davi chorando e gritando. “Aí meu marido foi na direção do músico”, disse ela. O catador contornou o carro pela frente e parou diante da porta.

Sérgio tentava reanimar o genro quando viu Luciano se aproximar. Estava de bermuda, com uma camisa no ombro, de boné. O catador se dirigiu à porta do motorista. Segundo Sérgio, ele tinha as mãos vazias. “A porta tava travada, e eu virei pra destravar, foi aí que vi o pessoal do Exército do outro lado.” Uma viatura já estava parada cerca de cinquenta metros atrás do automóvel, e os soldados desembarcavam, de fuzil em punho. “Eu destravei a porta e vi: ele não teve tempo nem de botar a mão na maçaneta.”

Essa segunda sessão de disparos levou pouco mais de oito segundos.⁶ Sérgio se atirou para debaixo do painel, sendo atingido nas costas e no glúteo. Evaldo recebeu mais oito tiros — um deles partiu a parte de trás da sua cabeça. É impossível precisar o momento exato de sua morte; o laudo cadavérico atesta morte instantânea por hemorragia e laceração encefálica.

Antes de ser atingido, Luciano gritou para a mulher se esconder, e Dayana correu para trás dos carros estacionados diante da oficina mecânica. Ali elas se abrigaram da segunda rajada. Michele acompanhava a cena: viu um rapaz sem camisa e de short, “cheio de sangue”, correndo para longe do carro de Evaldo. Depois ele se abaixou perto de outro carro e em seguida “se escorou em uma parede, que ficou suja de sangue”.

“Me tira do sol.” Essa foi a primeira coisa que Dayana ouviu depois que Luciano caiu no chão. Ela e o marido tinham planos de construir um barraquinho de madeira ali na favela do Muquiço, e por isso atravessavam a comunidade empurrando a carroça do catador. Estavam pegando vigas de madeira em uma construção abandonada.